



“SER HOMEM, A PALAVRA JÁ DIZ”: OLHANDO PARA A EXPERIÊNCIA DE SER-MASCULINO NA SITUAÇÃO DE ABRIGAMENTO¹

Bruno Robson de Barros Carvalho²
Ellen Fernanda Gomes da Silva³
Prof^a Ma. Suely Emilia de Barros Santos⁴

Resumo: As transformações sociais via relações de gênero, tem colocado o homem e as masculinidades como foco de discussão nos mais diversos âmbitos. Tendo em vista a relevância de estudos que contemplem essas temáticas, o presente trabalho apresenta o percurso do Projeto de Iniciação Científica Re-construindo o ser-masculino na situação de abrigo. Lançando mão da metodologia da narrativa de Walter Benjamin, numa perspectiva fenomenológica existencial, apresentaremos os sentidos atribuídos ao ser-masculino por crianças e adolescentes que convivem diariamente em situação de abrigo. Os sentidos são marcados pela presença da cultura machista dominante, mas também desvelaram sentidos que rompem com a conserva cultural⁵. Tendo em vista este cenário, a pesquisa mostra-se relevante no âmbito social por fornecer uma visão das masculinidades, a qual rompe com o instituído, como também, contribui para a construção do arcabouço teórico-prático da Psicologia Clínica Social Comunitária.

Palavras-chave: abrigo; gênero; ser-masculino.

1. O PONTO DE PARTIDA

Estamos imersas/os numa cultura na qual percebemos a existência de discursos que postulam “verdades” parecendo querer naturalizar a vivência do ser-feminino e ser-masculino, no convívio social. As regras e políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos, e o ser feminino e masculino não está fora desta conjuntura. Artefatos culturais colaboram na construção de modos de ser homem e mulher, procurando demarcar os lugares que os sujeitos podem ou não ocupar.

¹Este artigo nasce do Projeto de Iniciação Científica intitulado: Re-construindo o ser-masculino na situação de abrigo, do Núcleo de Apoio à Pesquisa da Faculdade do Vale do Ipojuca – FAVIP, no qual o/as autor/as participaram.

² Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco, bolsista do referido Projeto de Iniciação Científica

³ Mestranda em Psicologia Clínica pela UNICAP, bolsista do referido Projeto de Iniciação Científica.

⁴Psicóloga, Mestra em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), professora da FAVIP e da UPE – Campus Garanhuns, orientadora do referido Projeto de Iniciação Científica.

⁵De acordo com Moreno (1985).

Nesse contexto não é de se estranhar que os estudos de gênero e sexualidade sejam campos de pesquisa atuais marcados por confrontos e resistências. Desse modo, podemos dizer que as questões de gênero são temas para reflexão e compreensão, o que pode apontar para uma possibilidade de visão relacional entre humanos que contemple as diversidades e a equidade.

Afetadas/o com a necessidade de transformação, abrimos leques de possibilidades no intuito de criarmos sentidos sobre modos de se viver o masculino e o feminino, podendo se revelar como abertura para romper com uma perspectiva reducionista e mantenedora das desigualdades entre os sujeitos. Vemos presente nas palavras de Portella (2004, p.21, aspas da autora) esse movimento de olhar para as questões de gênero de outro lugar:

Refletir sobre essas questões implica em considerar o esforço que estudiosos das mais diversas áreas têm feito nas últimas décadas para demonstrar que aquilo que aparece como óbvio, ‘homem é homem e mulher é mulher’, é resultado de uma elaboração cultural engenhosa que investe de significado corpos biológicos diferenciados, inclusive reivindicando a dimensão biológica para configurar essa diferenciação.

Delimitando tal realidade, enfatizamos a necessidade de voltarmos-nos para pesquisas acerca do homem e das masculinidades, pois até pouco tempo esteve instalado um silêncio sobre essa questão. Assim, quando destacamos a escassez da incorporação dos homens à discussão de gênero, estamos preocupadas/o em repensar o sentido de gênero, desprendendo-o da oposição homem-mulher, com o intuito de contribuirmos para ampliação de novos olhares sobre a temática.

Para tanto, o foco desta pesquisa está no ser-masculino que se encontra em situações de abrigamento, que lidam rotineiramente com o processo da institucionalização. E tem como questão provocadora: Como é ser-masculino em situação de abrigamento?

Objetivamos, de modo geral, compreender um sentido possível para a construção social do ser-masculino numa perspectiva de gênero, para homens crianças e adolescentes em situação de abrigamento.

2. UM BREVE PANORAMA

Gênero

O cenário das lutas de gênero é um dos campos mais enunciativos da contemporaneidade e articula igualdade e diferenças.

As relações entre homens e mulheres, ao longo da história, nutrem um caráter excludente. As relações de gênero, foram, e ainda são, muitas vezes marcadas pelo poder, obediência, subordinação, disparidades que opõem o homem a mulher. Tal panorama conjectura mutações, permanências e reconstruções de tais sentidos. Isso nos faz compartilhar da ideia de Scott (1995) de que gênero se instaura interrogando ordens epistemológicas, atravessando outros territórios, efetivando o diálogo entre o movimento social e a academia.

Vivemos numa sociedade patriarcal, na qual domina a voz masculina e as mulheres são postas em uma posição desprivilegiada e subalternizada em relação aos homens, ficando, muitas vezes, invisibilizadas. Tal panorama nos fala de questões de hierarquia de gênero exposta por Strey (2007), na qual as relações de gênero são demarcadas pela subordinação feminina e pelo poder associado ao homem. Há ainda, de acordo com a autora, o aprisionamento ideológico do exercício do poder aos papéis masculinos, no qual mesmo que a mulher exerça o poder, simbolicamente, ela estará, ainda, vinculada ao exercício de um papel masculino.

Para Teresa de Lauretis (1994, p.208) gênero é “um produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana”. A autora traz quatro proposições sobre o gênero: 1) o gênero é uma representação; 2) a representação do gênero é a sua construção; 3) a construção do gênero vem se efetuando hoje nos aparelhos ideológicos do Estado; e 4) a construção do gênero se faz por meio de sua desconstrução.

Essas características remetem às construções sobre o papel de homem e de mulher em nossa sociedade que se relacionam com determinadas normas, regras e papéis sociais, vistas pela sociedade como “naturais” e que são internalizados como a “verdade”.

Diante disso, qual seria a diferença entre gênero e sexo? Por vezes a diferenciação entre homens e mulheres é feita no âmbito fisiológico, no entanto, essa

dicotomia serve apenas para diferenciar o sexo. Quanto ao gênero “depende de como a sociedade vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea em uma mulher” (STREY, 2007, p. 18). Nesse sentido, o sexo aparece como um atributo fisiológico, enquanto gênero “é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças entre os sexos” (SIQUEIRA, 1997, p. 72), complementando ainda é “uma elaboração cultural engenhosa que investe de significados corpos biológicos diferenciados” (PORTELLA, 2004, p. 21). Dessa forma não podemos pensar que está posto o que é ou o que pode ser homem e mulher.

Marina Castañeda (2006), em sua obra “O Machismo Invisível”, relata que meninos e meninas são orientados para serem completamente diferentes. A psicóloga lamenta que a sociedade tenda a reproduzir modelos estereotipados que não consentem aos homens explanarem sentimentos. Ela aponta tal realidade como um problema de educação, de formação familiar. Para reverter tal panorama é preciso que decisões e responsabilidades sejam compartilhadas e acordos entre homens e mulheres estabeleçam padrões de comunicação e relacionamentos mais igualitários.

Diante disso questionamos: O homem, em nossa sociedade, é mais homem quanto maior for a distância entre ele e o feminino? Isso está expresso desde a infância, por meio da separação entre os modos como o menino e a menina devem se mostrar? Carvalho (et al. 2009, p.2) nos convida a continuar questionando:

Mulheres beijam e homens apertam a mão? Lavar a louça é coisa de mulher? Carregar peso é trabalho para homem? Rosa é para menina e azul para menino? Homem é delegado e mulher é professora? Meninos brincam de carrinho e meninas de boneca? Homens fazem sexo e mulheres fazem amor? O que é ser masculino e feminino numa cultura?

Sobre essa separação sexista, Castañeda (2006) nos fala que os homens afirmam não saber nada sobre o universo feminino para não darem a impressão de serem “afeminados”. Esse modo de ver se faz coerente com a compreensão machista, na qual existem ações somente femininas e masculinas, surgindo então uma impossibilidade de compartilhar e/ou dividir espaços, trabalhos, etc.

Essa visão excludente e hierárquica entre meninos e meninas certamente não é natural, mas sim podemos vê-la como produto das relações impostas e construídas de gênero ao longo do tempo. Concordamos com Castañeda (2006, p. 203) quando afirma “o machismo [...] está condenado a desaparecer. Assim como a escravidão e a servidão feudal, o machismo desaparecerá não porque é injusto ou desagradável, mas porque é ineficiente”. Podemos ver e sentir os sinais de um novo tempo, onde as questões de

gênero estão passando por um processo de revisão gradativo. Tal mudança tem a colaboração de veículos midiáticos, como a televisão e a internet, que transmitem a população novos caminhos, a revisão e criação de papéis e sentidos acerca da temática.

Abrigamento

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (2001) coloca o abrigo entre as medidas de proteção (art. 101, inciso VII) para criança e o adolescente que tiverem os direitos distinguidos pela lei ameaçados (art. 98). Em contrapartida, vemos que no Brasil a institucionalização de crianças e adolescentes teve, por muito tempo, e ainda tem uma visão “carcerária” e repressiva, propondo retirar da sociedade as crianças e adolescentes “problemas”, e também tendo uma perspectiva de garantia de direitos, com desígnio de proporcionar proteção integral a todas as crianças e adolescentes, como previsto no ECA (2001).

O parágrafo único do art. 101 do ECA é claro ao afirmar que “o abrigo é medida provisória e excepcional”, no entanto, contrário a isso, vemos que o abrigo é tido como a solução do problema – a realidade nos mostra que a maioria dos abrigados não possuem boa preservação com sua família de origem, nem são preparados gradativamente para o desligamento da instituição.

É importante considerar o regime de abrigamento como meio e não como fim. Assim, deve ser visto e tratado sobre um caráter provisório, até que se estabeleçam os laços familiares ou se encontre uma família substituta para os sujeitos em questão.

Como o con-viver em abrigamento acarreta no ser sujeito? Quais são os sentidos que ele atribui a tal dinâmica? Será que nessa situação há possibilidade de garantias de convivência afetiva e vincular? A situação de abrigamento fornece aos abrigados a sensação de estar em família?

Cabe ressaltar aqui que no processo de institucionalização há o que Silveira (2002) chama de tendência a engolir a identidade individual. A maioria dos espaços de convivência, e dos pertences são coletivos, não valorizando a privacidade do sujeito, nem se esforçando para preservar as histórias singulares. Assim, “o sistema institucional inclui esta clientela de forma perversa” (SILVEIRA, 2002, p.61), pois ao passo que ampara e protege, não respeita a singularidade dos institucionalizados.

Contudo, ao olhar para o fenômeno da institucionalização, parece-nos que este gera uma inclusão precária, como diz Martins (1997, p. 14, aspas do autor):

[...] rigorosamente falando, não existe exclusão; existe contradição, existem vítimas de processos sociais e políticos e econômicos excludentes; existe o conflito pelo qual a vítima de processos sociais, políticos e econômicos excludentes; existe o conflito pelo qual a vítima dos processos excludentes proclama seu inconformismo, seu mal-estar, sua revolta, sua esperança, sua força reivindicativa e sua reivindicação corrosiva. Essas reações, porque não se trata estritamente de exclusão, não se dão fora dos sistemas econômicos e dos sistemas de poder. Elas constituem o imponderável de tais sistemas, fazem parte deles ainda que os negados. As reações não ocorrem de fora para ‘dentro’ da realidade que produziu os problemas que as causam.

3. FUNDAMENTANDO O NOSSO CUIDADO

Na realização de uma pesquisa, cujo foco são as vivências e as experiências, acreditamos que os depoimentos dos próprios sujeitos, são fontes apropriadas para compreendermos os fenômenos revelados através da questão norteadora. Nesta pesquisa foi utilizada a metodologia da narrativa de Walter Benjamin (1994), numa perspectiva fenomenológica existencial.

A modalidade de intervenção/investigação se deu através da oficina sociopsicodramática, a qual se mostrou como um modo possível para a expressão e acolhimento da narrativa da experiência, uma vez que foi capaz de contemplar a experiência de ser-masculino-no-mundo. Devido ao fato de ter sido o ser homem, o fator aglutinador dos participantes (pluralidade), a oficina foi nomeada como sociodrama. No entanto, ao focar o sentido de ser-masculino em distintos homens (singularidade), ela também foi vista como psicodrama.

Por termos feito a escolha de trabalhar com oficina, se faz necessário clarear de qual lugar compreendemos a mesma. Segundo Marina Jordão (1999, p. 331), numa oficina “a arte do fazer está presente. É fazendo, é aprendendo que eu me torno pertinente a um grupo, é refazendo que eu posso retomar o ritmo da vida”. Assim, compreendendo a oficina pelo olhar da autora acima citada, dizemos que tomamos a oficina, nesta pesquisa, como “a arte de aprender”.

Ressaltamos que o método de análise utilizado para a compreensão/interpretação dos depoimentos, foi a Analítica do Sentido de Dulce Critelli (1996), através da leitura das cinco etapas: desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação.

A autenticação da pesquisa se deu por meio audiovisual. Fotos e falas dos sujeitos da pesquisa foram referenciais para criação de um vídeo; o mesmo foi apresentado aos dois grupos, para que as crianças e adolescentes pudessem se

reconhecer ou não diante de suas narrativas e assim, autenticar os depoimentos desta pesquisa.

4. OS SENTIDOS SENTIDOS DE SER-MASCULINO

Trabalhamos com dois grupos, um composto por seis (06) crianças e outro com sete (07) adolescentes. Os sentidos de ser-masculino para as crianças revelaram-se nas brincadeiras, nas singularidades dos jogos de menino e menina, colaborando constantemente no sentido de reforçar a ideologia dominante a qual atua na construção de identidades de gênero, onde mesmo meninos e meninas podendo estar juntos, “o cor de rosa e o brincar de boneca não é permitido”. É consentido às meninas, brincarem das mesmas “brincadeiras de meninos”, mas não vice-versa. Notamos tal sentido na seguinte narrativa: “*Mulher só atrapalha... ela ia dizer... ‘vamos brincar de boneca!... coisas de menina...brincar de casinhas... de boneca!’*”. Olhando para os fenômenos começamos a nos questionar se estaríamos diante de um ideário naturalizante, de uma cultura que alimenta o machismo?

As oficinas realizadas com os adolescentes desvelaram sentidos de ser-masculino representados pelo vigor físico, demonstrado no fazer física, como também mostrou-se na força masculina, declarada como “*Homem é forte!*”⁶. Estes sentidos ressaltando a força física masculina são alimentados pela conserva cultural? Será que esses adolescentes se sentem fortes fisicamente, reconhecendo essa característica como algo próprio do ser-masculino? Seriam estes sentidos sentidos ou sentidos marcados nos sujeitos pela história de vida?

Chama-nos a atenção que as brincadeiras citadas como sendo de meninos e por eles realizadas, se caracterizam pelo esforço, audácia e contato físico. O homem é forte, musculoso, valente, o medo e fraqueza, por sua vez são tipicamente pertencentes às mulheres, o que patenteia novamente, nas narrativas, a diferenciação masculina. Tal relato evidencia a diferença entre homem e mulher: “*Não pode falar (risos) a diferença é que a mulher tem outras coisas!...*” distinção esta criada a partir da instalação do machismo e mantida pela sociedade.

A conserva cultural mais uma vez se impõe quando o ser-masculino, na forma de herói, surge como salvador. Os super-heróis apresentam o ideal de masculinidade, isto é, revelam o protótipo, os papéis, padrões arbitrários que nossa sociedade estabelece

⁶No sentido de fazer exercícios físicos, ginástica.

para seus homens. Robustez, coragem, bravura, força e esperteza parecem ser consideradas atributos desejáveis e primordialmente masculinos. Dessa forma, um homem de verdade não pode ter medo, ele precisa enfrentar as situações com ousadia e valentia, deve ser jovem, belo e valente, um verdadeiro herói.

Interessante perceber que os adolescentes, assim como as crianças, escolheram como representação de si, homens de destaque como os super heróis de sua época, jogadores, cantores, dançarinos, automobilistas. Seria uma mudança dos super heróis por super homens? Ou seja, homens que estão em destaque social, homens que oferecem exemplos a serem seguidos? Mais uma vez a masculinidade está guiada por ideários sociais de homens bem sucedidos, ricos, com destaque.

O ser-masculino para os jovens adolescentes se mostrou como implícito no termo “ser homem”, parecendo não haver, para eles, a necessidade de pensar a respeito desse assunto. Na narrativa “*A palavra já diz que é homem!!... não precisa falar! É... ... Tem de ser uma pessoa justa... educada!*”, vemos uma significação para o homem como algo já dado, já estabelecido, algo que de tão pronto e acabado não precisamos olhar para ele. Seria esta a visão que cega o olhar acadêmico e social para o homem e as masculinidades? Entretanto, o mesmo grupo revelou que na atualidade o homem não está mais tão igual ao de antes. Hoje, de acordo com o grupo, o homem já pode esperar ser cortejado, não precisa partir exclusivamente dele a atitude de conquista. Estaríamos nos deparando com novas masculinidades?

De modo bastante próprio os adolescentes, ao longo da pesquisa, colocaram o ser-masculino em dois pólos, o igual e o diferente. Por vezes sugeriram que o ser-homem estaria ligado ao ser diferente dos demais e ora em ser igual a eles. Isso nos leva a pensar em um dar-se conta da singularidade e da pluralidade. O ser-masculino revelando modos próprios pelo fato de serem adolescentes homens convivendo em um único espaço, ao mesmo tempo em que se mostra no ser distinto, apesar da convivência no abrigo.

Contudo, ressaltamos que nos chamou atenção a mostra de que nessa convivência de abrigo o que a torna mais apreciada é a situação de todos serem homens. Assim, apesar do destaque em mostrarem-se satisfeitos com a pluralidade de serem homens, o apontar das singularidades nos faz indagar: o ser-masculino na convivência de abrigo se constitui numa relação *entre*? Ou ainda, o ser-masculino para esses adolescentes se mostra no trânsito do singular e do plural? Ou então, o ser-

masculino se apresenta como um singular que se reconhece no transito do super homem aos companheiros de convívio?

O modo de ser-masculino na convivência de abrigo apareceu ainda na pluralidade da quebra da conserva cultural referente à divisão de tarefas cotidianas. Interessante perceber que os meninos realizam essas atividades, reconhecidamente tidas pela sociedade como domésticas, e que geralmente são vistas como de meninas, de modo espontâneo. A partir da narrativa: “*Jogar bola... fazer atividades... estudar... assistir... Varrer... apanhar o lixo... arrumar a casa... lavar o banheiro... limpar aqui (capela)*”, referindo-se a atividades que realizam no abrigo, poderíamos dizer que este fato já seria uma mudança nesse sentido de divisão sexista do trabalho que perdura/perdurou em nossa sociedade? Será que a convivência em abrigo favorece a quebra dessa divisão de tarefas de mulheres e tarefas de homem no dia-a-dia?

O olhar dos adolescentes para esta questão se faz coerente com o das crianças. Revelam que o cuidar da casa, do lar, não é nenhum incômodo, pois, estão cuidando do lugar onde vivem. Cuidado este, no qual, são co-participantes. Esta realidade rompe com o ideário da família nuclear burguesa, falada por Castañeda (2006) no qual o sustento da família é designado ao homem e a dedicação a casa era de responsabilidade da mulher. Curioso que o cuidado se fez muito presente na fala dos adolescentes, principalmente nas questões referentes ao lar e a família.

Para estes adolescentes uma família, para ser reconhecida como tal deve estar embasada na “*união... no amor... na responsabilidade e cuidado entre seus membros!*”. Devemos ressaltar que a compreensão de família para eles se fez, por vezes, confusa. Estaria aqui uma ressonância da convivência de abrigo? Todavia, é importante dizer que para aqueles adolescentes em convivência de abrigo, o abrigo se faz lar e os companheiros, família.

Diante de tudo o que foi relatado, será que vemos aqui uma amostra da abertura desses sujeitos ao mundo das possibilidades? Vemos que o dar-se conta de que o “*depende de como a gente faz*” rompe com o tecnicismo do “ter de ser e fazer assim”. Ao ver essa abertura ao mundo das possibilidades do como fazer, as crianças e os adolescentes criam seu modo próprio de ser-no-mundo, ressignificando os modos de realizar atividades cotidianas, antes vistas como incômodo.

Vemos aqui, de maneira clara, o valor da pesquisa interventiva, no sentido de possibilitar a esses sujeitos darem-se conta de sua dinâmica e se permitirem mudar. Não realizamos uma coleta de dados, mas sim, acolhemos as narrativas e no a-colher, no

sentido de “*cuidar do escutar/dizer*” (SANTOS, 2005, p.116) cuidamos dos modos de ser-masculino dessas crianças e adolescentes.

5. OLHANDO PARA OUTRAS DIREÇÕES

Durante todo o percurso desse trabalho fomos afetadas/o, contudo foi no momento de transcrição e literalização que vimos o quanto isso se relevou, de maneira clara, para nós. A cada palavra escrita uma reflexão, um sentido. Sobre a afetação e a não neutralidade nos lembramos de Dulce Critelli (1996) e sua analítica do sentido, a qual afirma que desde o início em uma pesquisa, fenomenológica existencial, a afetabilidade se faz presente. Vemos hoje o quanto esse percurso nos toca além do lugar de pesquisador/as.

O desafio é questionar a masculinidade hegemônica, tendo em vista a equidade de gênero; lançar um olhar mais ampliado, de modo a intervir, numa provoca-ção, em contextos onde se sedimentam alguns dos alicerces sobre os quais essas desigualdades são tramadas.

O percurso nos revelou que o ser-no-mundo pode acontecer de diversos modos, abrindo não só as possibilidades dos sujeitos da pesquisa, vimo-nos sendo convidadas/o todo o tempo a nos olhar e revisitarmo-nos, para nos atentarmos, também, para as possibilidades que se abriram para nós como pesquisador/as Além disso, tornou-se evidente a importância da pesquisa para o contexto social e acadêmico. Ainda têm sido escassas as ações voltadas para homens (crianças e adolescentes) que estão em situação de abrigo no município de Caruaru.

Entretanto essa pesquisa se mostrou como possibilidade de abertura para lançar um olhar dirigido a esse público e um repensar de atitudes em uma instituição de proteção a criança e ao adolescente, em relação aos/as cuidadores/as e a própria gestão. No contexto acadêmico, através de participação em eventos científicos, e publicações foi colocado em evidência as questões de gênero, em especial as masculinidades, bem como a situação de abrigo de crianças e adolescentes. Percebemos e revelamos que o olhar para os homens enquanto categoria no município de Caruaru ainda é escasso, assim como, o olhar para a masculinidade em sua singularidade.

Corroboramos ainda nosso pensamento inicial de que “uma pesquisa sobre gênero solicita de nós um olhar para as nossas experiências, para posteriormente tocarmos e sermos tocados pelas experiências de outros sujeitos e dessa maneira,

construirmos um sentido para o fenômeno de gênero” (CARVALHO, et al, 2009. p. 3). Podemos então dizer que a experiência de pesquisar nos permitiu experienciar a atenção psicológica e nos dar conta de que ela pode acontecer para além do consultório particular e contribuir para modos-de-ser mais próprios.

Agora deparadas/o com nossa questão inicial “Como é ser-masculino na convivência de abrigamento?” percebemos que no desvelar de sentidos, o ser-masculino para as crianças e adolescentes que convivem em abrigamento se mostra no brincar, na expressão da força física, na participação das atividades diárias de uma casa, e mais, este homem se mostra como um ser, que apesar de sofrer com algumas imposições sociais que tentam modelar suas atitudes e pensamentos através da conserva cultural, encontra como possível saída, a expressão da sua sensibilidade, como abertura para mostrar-se autêntico.

Além disso, fomos afetadas/o por outros aspectos que nos instigaram a continuar esse Projeto de Iniciação Científica, a saber, todos os participantes se mostram tocados por questões familiares e sexuais. Surgem então novas inquietações que se mostram através das seguintes questões: Como lidar com as noções de cuidado e responsabilidade do ser-masculino? Como os adolescentes vivenciam a paternidade na convivência da institucionalização? Como as famílias se organizam quando um pai adolescente vive uma situação de privação de liberdade? Aqui nos encontramos mais uma vez, como pesquisador/as com inquietações que brotam quando uma outra pesquisa⁷ está por vir .

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e Política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas E Vol. I).

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** – lei 8.069/90. Recife, PE: Cedca, 2001. 9726 7435

CASTAÑEDA. M. **O machismo invisível.** São Paulo: A Girafa, 2006.

CARVALHO, B. R. B.; CARVALHO, L. C.; FERNANDES, M. J. D.; LINS, A. J. S.; SANTOS, S. E. de B.; SILVA, E. F. G. ; S. de ; NASCIMENTO, L. M. S.

Ressignificando a questão de gênero a partir do ser-masculino. In: 5º Colóquio Nacional de Representações de Gênero e Sexualidades e I Seminário de Psicologia e

⁷Surgiu outro Projeto de Iniciação Científica: “Ser Pai, Adolescente e em Situação de Privação de Liberdade, do qual participamos juntamente com a Profª Ma. Etiane Cristine de Oliveira e o psicólogo Thales Nobre.

Crítica da Cultura, 2009, Campina Grande/PB. 5º Colóquio Nacional de Representações de Gênero e Sexualidades e I Seminário de Psicologia e Crítica da Cultura. João Pessoa/PB: Universitária/UFPB-Realize Editora, 2009. p. 1-8.

CRITELLI, M. D. **Analítica do sentido:** uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

LAURETIS, de T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. (org). **Tendências e impasses:** o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242

JORDÃO, M. P. Oficinas em aconselhamento: um processo em andamento. In: MORATO, H. T. P. (org.) **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa:** novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 331-334.

MARTINS, J. de S. **Exclusão social e a nova desigualdade.** São Paulo: Paulus, 1997.

PORTELLA, A. P. **Homens:** sexualidade, direitos e construção da pessoa. Recife: SOS CORPO – Gênero e cidadania; Instituto PAPAI, 2004.

SANTOS, S. E. de B. **A experiência de ser ex-esposa:** uma oficina sociopsicodramática como intervenção para problematizar a ação clínica. 344f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Recife, 2005.

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil para a análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, FAGED/UFRGS, v.20, n. 2, 1995.

STREY, M. N. **Psicologia social contemporânea.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SILVEIRA, W. A. **Família em cena:** tramas, dramas e transformações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SIQUEIRA, M. L. N. As relações de gênero numa perspectiva psicodramática. In: PUTTINI F.; LIMA, L. M. S. (Orgs.). **Ações educativas:** vivências com psicodrama na prática pedagógica. Escolástica. São Paulo: Ágora, 1997.